Cultura Participativa: Uma Análise Sobre os Polêmicos Comentários do G1[1]

Ana Paula Rodrigues ROSENO[2]
Dayanne Dinisio de SOUZA[3]
Janaína de Lima GÓES[4]
Jaqueline Silva Alves da ROCHA[5]
Juliana Lopes dos SANTOS[6]
Kaique Santos de SOUZA[7]
Steffani Martins COSTA[8]
Clarice Greco ALVES[9]
Universidade Paulista, São Paulo, SP

Resumo
Com o surgimento da internet, o jornalismo ganhou um novo segmento: o webjornalismo. Na contemporaneidade, a maioria dos veículos jornalísticos, seja impresso ou televisivo, adere à plataforma digital para não perder o público que cada vez mais migra para o digital. Com isso, a internet permitiu que a sociedade contemporânea se engajasse com os conteúdos nela inseridos. O objetivo deste artigo consistiu em analisar os comentários de um dos maiores portais de notícias do país – o G1 –, no atual ambiente da *cultura participativa* (Jenkins, 2009), considerando a abertura a discussões polêmicas, além da análise de como funciona o processo de moderação do portal e problemas que podem surgir por causa dos comentários dos leitores.

Palavras-chave: Cultura Participativa; Internet; Responsabilidade Civil; Interação; Comunicação.

Introdução

Com o surgimento da internet, o jornalismo ganhou um novo segmento: o webjornalismo. Assim, como analisou Jenkins (2006), há uma transição entre as diversas mídias. Na contemporaneidade, a maioria dos veículos jornalísticos, seja impresso ou televisivo, adere à plataforma digital para não perder o público que cada vez mais migra para o digital em detrimento dos veículos de comunicação de massa tradicionais. Este é o caso do portal de notícias G1, que foi criado em 2006 e pertence ao Grupo Globo.

---

[1] Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Multimídia, da Intercom Júnior – XIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação
[2] Estudante de Graduação do 5º semestre do Curso de Jornalismo da Unip, email:anapaularodrigues1315@gmail.com
[3] Estudante de Graduação do 5º semestre do Curso de Jornalismo da Unip, email: dhaydinisio@gmail.com
[4] Estudante de Graduação do 5º semestre do Curso de Jornalismo da Unip, email: janagoes@outlook.com
[5] Estudante de Graduação do 5º semestre do Curso de Jornalismo da Unip, email: jaqueline.a.rocha@outlook.com
[6] Estudante de Graduação do 5º semestre do Curso de Jornalismo da Unip, email: juuhlopezsantos@gmail.com
[7] Estudante de Graduação do 5º semestre do Curso de Jornalismo da Unip, email: kaike.santos97@live.com
[8] Estudante de Graduação do 5º semestre do Curso de Jornalismo da Unip, email: steffani.martinscosta@gmail.com
[9] Orientadora do trabalho. Professora da disciplina de Metodologia do Trabalho Acadêmico do Curso de Jornalismo da Unip, email: claricegreco@gmail.com

A internet permitiu que a sociedade contemporânea se engajasse com os conteúdos nela inseridos. A *cultura participativa*, conceito estudado por Jenkins (2009), diz respeito à condição do público como membro que interage na internet. O webjornalismo permite que a interação de leitores com as produções jornalísticas seja instantânea. Ou seja, poucos minutos depois da publicação de uma notícia já há dezenas de comentários.

Com o objetivo de analisar o conteúdo dos comentários no portal de notícias G1, foram selecionadas três notícias. Elas tratam de assuntos policiais, com presença de violência, e foram úteis para traçarmos o perfil de comentários do portal. Muitos dos comentários do G1 são repletos de ofensas. Ilustramos os conteúdos mais comentados em gráficos. Outros dois gráficos foram feitos para revelar de forma quantitativa e qualitativa o posicionamento – contra, a favor ou neutro – dos leitores.

Diante do histórico de participação dos internautas no G1 é levantada a hipótese de que os comentários do portal contém conteúdos preconceituosos e desviam do fato divulgado. Assim, a presente pesquisa foi verificar a fundo como funciona a política de moderação de comentários do portal e como a Lei do Marco Civil da Internet pode estar relacionada à questão.

G1 e a Política de Comentários

Lançado em setembro de 2006, o G1 é um portal de notícias do Grupo Globo. Com informações relevantes sobre economia, política, carros, emprego, educação, ciência, saúde, cotidiano e cultura do Brasil e do mundo, o portal ocupa o quinto lugar dos sites mais visitados no país, de acordo a Alexa, da Amazon.[10]

Como a maioria dos blogs, sites e portais de notícias existentes ou o que se chama de provedores de conteúdo (LOURENÇO, 2007), o G1 também tem um espaço ao final de cada matéria ou reportagem, destinado aos comentários dos seus leitores e visitantes. E é conhecido como um dos sites onde há mais comentários ofensivos, discriminatórios e que desrespeitam alguma lei. É comum portais de notícias ou blogs terem um espaço para comentários e com isso, eles se veem obrigados a ter alguma política de comentários – o conjunto de regras a serem seguidas e respeitadas que visa a moderação e o controle do que é publicado. Ao ter um controle prévio editorial do que é

[10] Fonte: **Quais são os 100 sites mais visitados no Brasil?**. Rafael Cardoso. Estudio Pivot, 2015. Disponível em: <http://www.estudiopivot.com.br/100-sites-mais-acessados-no-brasil>. Acesso em: 27 mai. 2017.

comentado, o provedor de conteúdo pode evitar ou não ser responsabilizado por conteúdo de terceiros, no caso, os usuários leitores (LEONARDI, 2007).

Pode-se entender a fama do G1 pelos piores comentários difamatórios e/ou ofensivos por existir uma política de controle há pouco tempo. As regras para comentários dos leitores do portal que integram uma política de moderação e controle foram criadas formalmente apenas em 2015. Antes disso, o diretor editorial de outro veículo de mídia chamado Diário do Centro do Mundo (DCM), Paulo Nogueira, já adiantava e cobrava em um texto que o G1 deveria responder pelos comentários criminosos publicados justamente por não haver moderação.[11] Ele relata que, em 2014, procurou o então editor-chefe do portal, Renato Franzini, e perguntou qual era a política de comentários. Não teve resposta e o contato continuou com a Central Globo de Comunicação, que também não tinha retorno imediato, mas afirmou que responderia por e-mail. Paulo continua afirmando que não recebeu e-mail de resposta. Uma semana depois, o DCM publicou outra matéria, mas alertando que o G1 havia começado a implementar uma política de comentários.[12] O portal começava, naquele período, a banir conteúdos de usuários que incitavam ódio e a desabilitar a opção de comentários em matérias com grandes possibilidades de receber alto número de conteúdos do mesmo tipo.

Os comentários eram automaticamente postados – ainda são –, sem qualquer hipótese de moderação pelas próprias plataformas dos sites ou específicas, como o Disqus. Nestas situações, "o conteúdo disponibilizado por usuários não é monitorado, nem tampouco sujeito a qualquer edição" (LEONARDI, 2005). Para comentar, geralmente é preciso ter um cadastro, mas é possível encontrar comentários escritos com perfis com nomes não comuns ou falsos para evitar qualquer tipo de responsabilização. Pode ter publicação sem controle editorial prévio, mas essa publicação não é e não deve ser anônima, seguindo o artigo 5º, inciso IV, da Constituição Federal.[13]

[11] Cf: NOGUEIRA, Paulo. **Por que o G1 tem que responder pelos comentários criminosos que publica**. Diário do Centro do Mundo, 2014. Disponível em: <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/por-que-o-g1-tem-que-responder-pelos-comentarios-criminosos-que-publica>. Acesso em: 23 mai. 2017.
[12] NOGUEIRA, Paulo. **Como o DCM fez o G1 mudar sua política de comentários**. Diário do Centro do Mundo, 2014. Disponível em: <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/como-o-dcm-fez-o-g1-mudar-sua-politica-de-comentarios/>. Acesso em: 23 mai. 2017.
[13] BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 23 mai. 2017.

Em fevereiro de 2015, o G1 anunciou através de uma matéria que o veículo tinha novas regras para comentários dos leitores.[14] As regras foram definidas para todas as empresas do Grupo Globo. De acordo com a matéria, a principal mudança era com relação ao procedimento de conclusão do cadastro para poder comentar no portal: "O procedimento para deixar comentários nas reportagens do G1 está mais seguro a partir desta terça (3), com a exigência de que o leitor confirme seu cadastro pelo celular". A matéria anunciava ainda que não seriam bem-vindas participações que atentassem contra as leis do país ou que injuriassem, difamassem ou caluniassem pessoas ou instituições ou promovessem ódio racial, homofobia ou que afrontassem qualquer um dos termos de uso.

No item 2.1.1., que trata das regras para o cadastro, o G1 afirma: "você deverá informar dados verdadeiros, que serão de sua exclusiva responsabilidade. A empresa não se responsabiliza por dados falsos inseridos no cadastro".[15]

No item 3.3., que trata das condições de uso da plataforma de comentários do portal, consta que o leitor não deve utilizar a plataforma com a finalidade de distribuir ou incentivar qualquer ideia e/ou opinião que: incite e/ou promova o descumprimento da lei, seja difamatória, infamante, violenta, degradante, pornográfica, ou, em geral, contrária a ordem pública; incite e/ou promova ações ou ideias discriminatórias em razão da raça, gênero, orientação sexual, religião, crença, deficiência, etnia, nacionalidade ou condição social; constitua comportamento predatório, perseguição, ameaças, assédios, intimidações ou chantagem a terceiros; e outras. Para quem não segue as regras do item, o G1 prevê a possível exclusão do comentário e bloqueio ou eliminação do cadastro do usuário, sem prévio aviso. Há ainda a opção denunciar para quem julgar que o conteúdo do comentário aponte qualquer uma dessas ações e/ou práticas.

Na matéria, constava que a informação de que os comentários feitos pelos leitores cadastrados entrariam automaticamente nas reportagens e que ficariam, em regra, disponíveis por cerca de 48 horas, mas que o período poderia ser diferente para algumas reportagens. Ademais, não há esta informação na política da plataforma de comentários e considerando as matérias aqui analisadas, dentro do período maior de 48

[14] Portal G1. **G1 tem novas regras para comentários de leitores**. 2015. Disponível em: <http://www.g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/02/g1-tem-novas-regras-para-comentarios-de-leitores.html>. Acesso em: 25 mai. 2017.
[15] Portal Globo. **Termos de Uso do G1**. Disponível em: <https://login.globo.com/termosUso/3004>. Acesso em: 25 mai. 2017.

horas não houve nenhuma mudança na quantidade de comentários, não havendo diminuição, continuando assim disponíveis, mesmo algum que não atenda às regras do item 3.3..

Apesar do G1 afirmar que não se responsabiliza por dados falsos fornecidos por determinado usuário no momento do cadastro, a existência de um comentário anônimo combinada com a não identificação do terceiro que realizou comentário anônimo, pode levar a responsabilização civil do G1, em decorrência do risco de permitir comentários anônimos (KÖHN, 2006).

No item 5 dos Termos de Uso dos comentários, o G1 trata da exclusão de garantias e de responsabilidade, afirmando que não tem a obrigação de controlar a utilização que os usuários fizerem da plataforma, que não garante que os usuários utilizem a plataforma em conformidade com a Lei, com os Termos de Uso ou de acordo com os valores médios presumidos da sociedade e ordem pública.

Marco Civil da Internet

Com tantas manifestações de opinião na internet, há o questionamento de como funciona a responsabilização pela publicação de conteúdos infratores na rede. Afim de tratar da jurisdição na internet, o Brasil possui a Lei 12.965, do Marco Civil da Internet[16], sancionada em 2014. A lei tem como principal definição garantir a proteção do brasileiro na internet e permitir que o fornecedor de internet contratado armazene informações dos usuários e divulgue-as apenas sob ordem judicial.

Embasamento Teórico e Pesquisas Anteriores Sobre o Comportamento na Internet

Desde a década de 1990, quando a internet começou a ganhar mais espaço mundialmente, a forma como nos comunicamos vem sofrendo enormes transformações. Uma das áreas que teve maior impacto foi o jornalismo.

A internet mudou a forma como o jornalismo é feito. O que antes era somente impresso agora circula em diversos portais *online*. Além disso, a interação dos leitores com os jornalistas se tornou condição fundamental para a maneira que o conteúdo é produzido.

O artigo de Saffi (2013) retrata a adaptação do jornalismo na internet, o que veio a se tornar o webjornalismo, e a interação dos leitores com os conteúdos *online*. O

[16] BRASIL. **Lei do Marco Civil da Internet**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm>. Acesso em: 25 mai. 2017.

estudo revela uma produção exclusiva para o meio, já que no webjornalismo a produção de conteúdo é constante, por conta da dinâmica do modo *online*, permitindo que os veículos criem conteúdos exclusivos para a internet. A autora analisou de forma quantitativa e qualitativa os comentários do G1 e constatou que os assuntos que mais aparecem são violência, arte, acidente e educação.

O estudo de Alves (2014) não é diferente. Ao analisar os comentários das notícias mais lidas do portal G1, a autora percebeu que as notícias mais lidas do site se enquadram no *Fait Drivers*, que são os fatos sensacionalistas abordados pela imprensa. Os materiais analisados correspondem aos temas de agressão, infração a lei, morte e violência. Estes dois últimos são os mais encontrados nas "mais lidas" e os que mais geram comentários.

Em suma, os comentários seguem o mesmo direcionamento das matérias e para a análise destes, a autora partiu de instâncias Freudianas, usadas para justificar o comportamento dos leitores que são identificados por uma linha de pensamento repetitiva referente aos argumentos apresentados. Desta forma, os comentários frequentemente encontrados dizem respeito ao ato de policiar a ocorrência descrita na notícia. A cada comentário analisado, a autora apresenta uma justificativa psíquica embasada em pensadores, como Freud e Angrimani.

Mousinho (2016) analisa os comentários sobre um caso de estupro coletivo na página do G1 no *Facebook*. A pesquisa levanta dados históricos para mostrar que a sociedade patriarcal, liderada por homens, veio desde os tempos primórdios do ser humano. Na idade média, as mulheres eram troféus de batalhas entre homens. Os comentários analisados possuem argumentos que são reflexos do pensamento de uma sociedade patriarcal, os quais justificam a atitude e culpam a vítima pelo ocorrido, mostrando a falta de empatia, refletindo sua percepção de mundo.

Dutra e Silva (2016) mostram como a Lei do Marco Civil da Internet age diante dos comentários ofensivos colocados nas redes sociais. Para as autoras, há um descompasso entre a legislação atual e as evoluções tecnológicas que estão sempre se expandindo e ganhando cada vez mais usuários. No artigo é abordado que os danos causados na internet com comentários de ódio e discriminação a outrem precisam ser responsabilizados, assim como os provedores, aumentando as questões de responsabilidades jurídicas.

Para Pierry Lévy (1996), o virtual consiste em um embasamento potencial para a interação social, sendo uma inversão da atualização. Ou seja, para o autor, o ato de "atualizar" é um processo comum quando se há um "problema" ou uma "necessidade" em potencial. Por exemplo, um aplicativo atualizado, um status ou uma foto. Essa necessidade pode ser caracterizada a partir de uma questão ou relacionada com a cultura participativa de Henry (2008), que identifica os internautas na rede com as interações cada vez mais ativas. De uma forma geral, para Lévy, o virtual não é algo irreal ou que ocorre apenas nas plataformas digitais, mas sim em um processo de análise dos meios. Para o autor, o virtual existe, porém, não está presente isso porque não pertence a nenhum lugar. Um dos argumentos para explicar a teoria consiste nas interações virtuais, ou seja, elas são reais, porém, estão além do espaço físico e maquinário. Não pertence a um ou outro internauta, como também não se aplica apenas ao espaço digital. O virtual nasce pela necessidade de interação, o que massifica esse processo e as discussões que o envolvem.

Metodologia e Análise de Pesquisa

Para análise dos comentários, adotamos matérias cujas notícias possuíam cunhos de casos policiais, publicadas entre o período de 7 de abril de 2017 a 7 de maio de 2017. Levando em consideração as que tinham o maior número de comentários, foram escolhidas três matérias do Portal G1. O método de pesquisa utilizado foi a valência pura – com posicionamentos contra, a favor e nulo – tanto para análise da interação entre os internautas, quanto para análise das opiniões expressadas entre eles. Além disso, com base nesta metodologia, intensificamos os propostos para análise, levando em consideração as seguintes posições: racismo, homofobia, xenofobia, intolerância religiosa, intolerância política, machismo, nulos (comentários que não se posicionaram de forma alguma) e outros (comentários que expressaram outras posições igualmente desrespeitosa, porém, que não constavam na lista).

A primeira matéria analisada tem o seguinte título/manchete: "Palestinos são presos após conflito com grupo anti-imigração em SP"[17]. Divulgada em 03 de maio de 2017, a matéria apresentava cerca de 1.158 comentários. De uma forma geral, grande parte das expressões escritas apresentaram discursos de ódio contra imigrantes, posições religiosas e políticas. É possível notar também uma significativa deficiência no

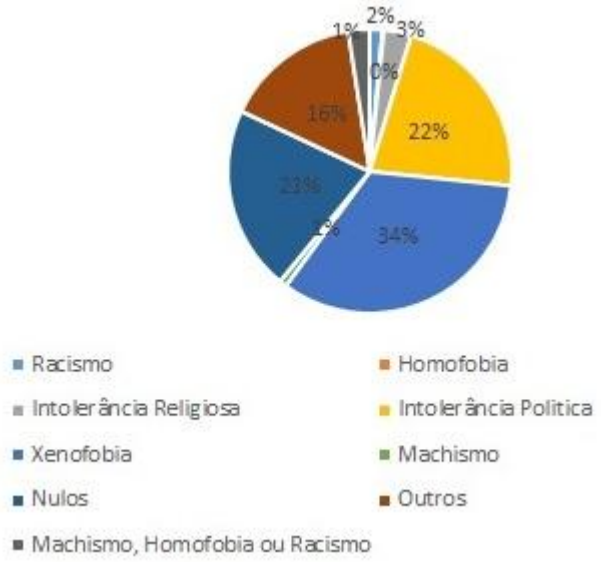
[17] Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/palestinos-sao-presos-apos-conflito-contra-direita-anti-imigracao-em-sp.ghtml>. Acesso em: 21 mai. 17.

embasamento desses discursos, identificando várias comparações ao fascismo, comunismo e nazismo.

Por um quadro geral, a maior parte dos comentários apresentaram xenofobia (discurso ou posicionamento de ódio contra imigrantes ou indivíduos de outras regiões) com cerca de 33,4% das posições, e consagrando em média, 397 comentários.

Observa-se que em dado momento a discussão saía da imigração para as eleições presidenciais de 2018, travando-se uma guerra entre os simpatizantes de direita e esquerda, em que havia acusações diretas de um ou outro ter sido o responsável pela ruína do país. Há também discussões sobre o posicionamento político do Islã. Neste contexto, os comentários de intolerância política consagraram cerca de 21,9% das posições e de intolerância religiosa, 3%. Acredita-se que essas discussões remetem ao atual momento em que o Brasil vive, com a crise institucional política e ideológica.

Gráfico 1- Matéria 1 - Posicionamento dos comentários



É possível perceber que há poucos comentários sobre os imigrantes roubarem nossos empregos, cujo argumento que virou um clichê mundial, e sim uma preocupação generalizada com o possível ato de terrorismo e a islamização no Brasil. Boa parte dos comentários também acusa a reportagem de não relatar todos os fatos da forma que aconteceram e lamenta o posicionamento do veículo em relação à política e causas sociais.

Gráfico 2 - Matéria 1 - Interação entre os usuários

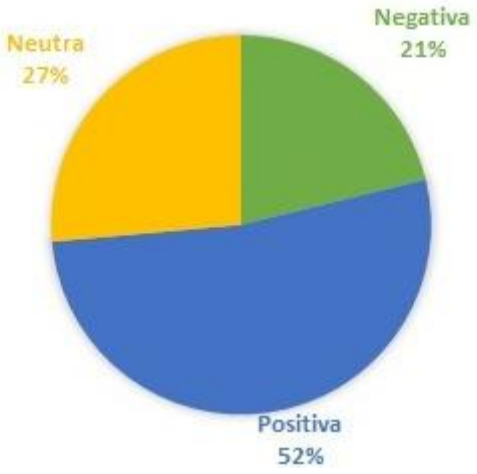
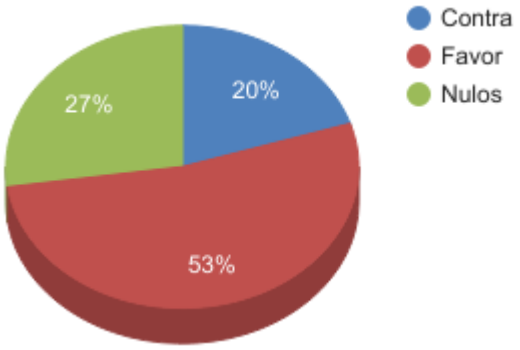


Gráfico 3 - Matéria 1 - Posicionamento dos comentários sobre o assunto da notícia



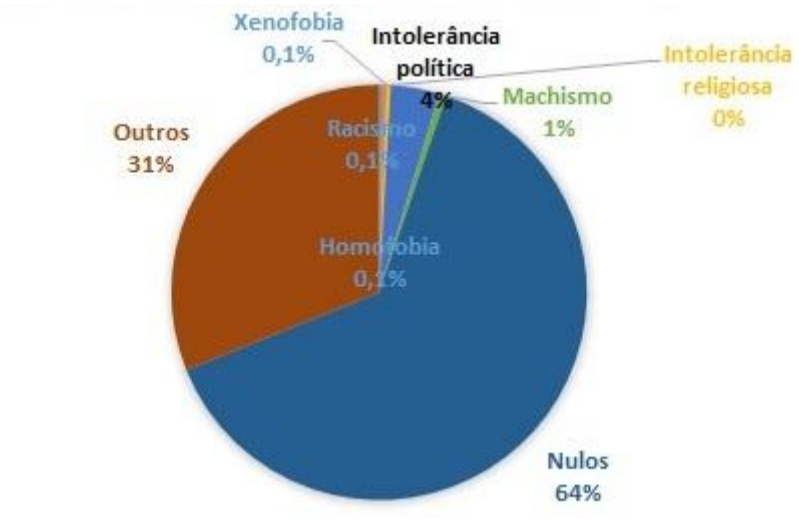
Por fim, apesar dos assuntos levantados, é notável que a maioria dos comentários da matéria consistem em discussões sem grande embasamento, trocas de xingamentos e posicionamentos que fogem da notícia principal. De uma forma geral, consagram uma briga eterna entre direita e esquerda, e não uma séria preocupação com a situação imigratória ou xenofóbica. Além disso, grande parte dos comentários são realizados pelos mesmos usuários, contemplando a interação e a necessidade de responder a isso.

A próxima matéria analisada tem o seguinte título/manchete: "Novo vídeo mostra detalhes do momento em que o PM agrediu estudante durante protesto, em Goiânia"[18]. Divulgada pelo portal em 01 de maio de 2017, ela possuía 1.238 comentários. De uma forma geral, os posicionamentos contidos na matéria, assim como a notícia anterior, apresentam discursos de racismo, homofobia, ódio, intolerância religiosa, intolerância política e xenofobia. Em sua grande maioria, os comentários não

[18] Disponível em: <http://g1.globo.com/goias/noticia/novo-video-mostra-detalhes-do-momento-em-que-pm-agrediu-estudante-durante-protesto-em-goiania.ghtml>. Acesso em: 24 mai. 2017.

têm aparente relação ou ligação com o conteúdo publicado, como também carência de embasamento teórico ou relacionamento com o assunto. Além disso, as discussões de cunho político, retratando a eterna guerra de "coxinhas e mortadelas" também são apresentadas nessa notícia, gerando ofensas pessoais e irônicas.

Gráfico 4 - Matéria 2 - Posicionamento dos comentários



Uma grande parte dos comentários acusa o veículo de não informar com mais precisão e a imparcialidade devida sobre o assunto. Os que acreditam fielmente que o jovem é um baderneiro são a favor da atitude do policial e acabam agredindo pessoas que tem o posicionamento contrário. É perceptível o ódio e intolerância das pessoas que compactuam com a violência. Além disso, a falta de humanismo perpetua, principalmente quando levado em consideração as relações e problemas sociais do país.

Gráfico 5 - Matéria 2 - Interação entre os usuários

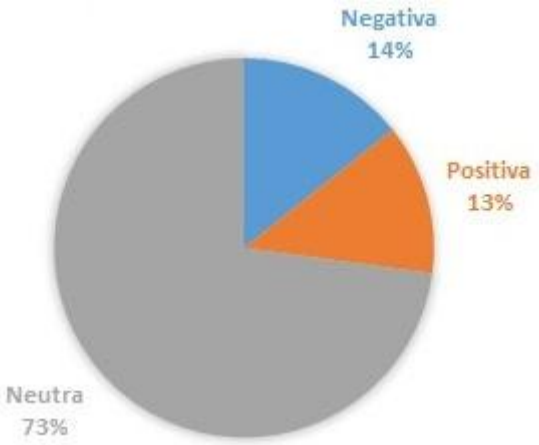
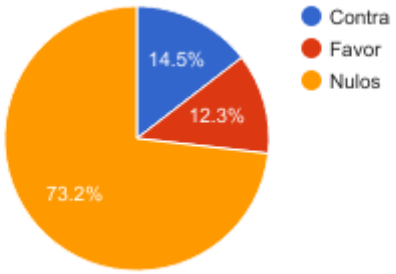


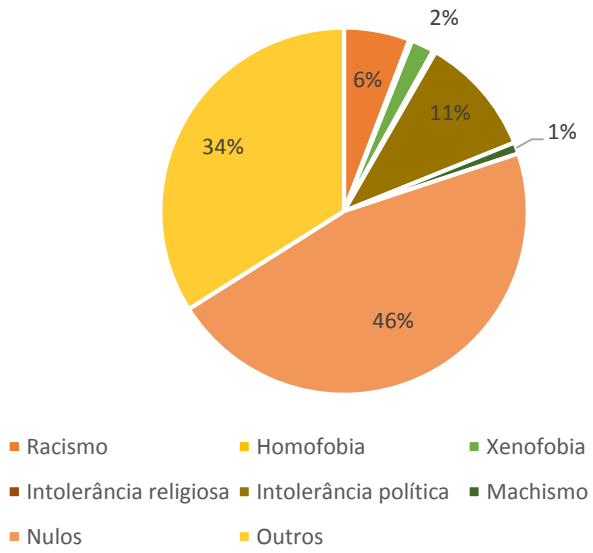
Gráfico 6 - Matéria 2 - Posicionamento dos comentários sobre o assunto da notícia



A terceira e última matéria analisada consiste na notícia publicada no dia 04 de maio de 2017, com 1.188 comentários: "Morador de Rua agredido por GCM em SP teve punho quebrado e ia começar em emprego[19]".

De forma geral, grande parte dos comentários apresentam discursos de ódio e se mostraram a favor da violência e as ações cometidas pela Guarda Civil Metropoliana (GCM) em relação à pessoa em situação de rua. Além disso, discursos de homofobia, intolerância política e machismo também podem ser identificados entre as posições dos comentários, mesmo que uma série de vezes fujam do assunto principal da notícia.

Gráfico 7 - Matéria 3 - Posicionamento dos comentários

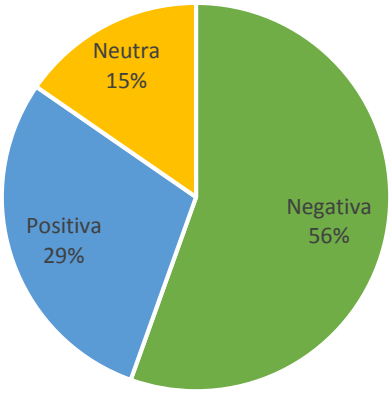


Assim como as matérias anteriores, o caso da pessoa em situação de rua que foi agredido pela GCM despertou diversos sentimentos expressados por discursos entre os usuários. Pessoas que apresentaram ideias contrárias às classificações específicas foram separadas como "outros" no gráfico 7. Entre elas, ainda é possível identificar discursos

[19] Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/morador-de-rua-agredido-por-gcm-em-sp-teve-punho-quebrado-e-ia-comecar-em-emprego.ghtml>. Acesso em: 24 mai. 2017.

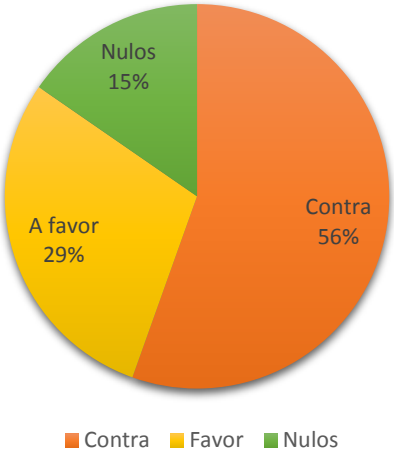
generalistas e repetitivos sobre respeito aos direitos humanos e o direito de saneamento básico de qualquer cidadão brasileiro.

Gráfico 8 - Matéria 3 - Interações entre os usuários



A interação entre os usuários nessa matéria, em especial, também não foi tão pacífica. Os posicionamentos desses comentários por vezes acompanham xingamentos e agressões verbais contra aqueles que possuem uma opinião diferenciada, seja contra ou a favor. As interações neutras consistem em comentários que não apresentam posicionamento de nenhuma forma com o assunto, mesmo na interação. Geralmente são frases curtas e ofensivas.

Gráfico 9 - Matéria 3 - Posicionamento dos comentários sobre o assunto da notícia



Por fim, diante de todo esse universo midiático, é possível identificar as manifestações de algumas teorias midiáticas, como a Cultura da Convergência, de Jenkins. Para o autor, a convergência consiste em um processo de produção constante de conteúdos midiáticos pelas mais diversas plataformas e a participação do público em relação ao assunto. Como o próprio Henry define, “no mundo de convergência das

mídias, toda a história importante é contada, toda marca é vendida e todo consumidor é cortejado por múltiplas plataformas de mídia" (JENKINS, 2006).

Nesta mesma ideia, é citada a cultura participativa, ou seja, quando o telespectador, consumidor, ouvinte ou leitor não consiste mais em um usuário passivo. Com todas as mudanças tecnológicas, culturais e sociais, a mídia vem recebendo cada vez mais usuários ativos, que participam inteiramente do processo de produção, alcance e interação dos conteúdos. Se outrora dividíamos entre produtores e consumidores de notícias, hoje temos uma participação mútua dos internautas com o que é divulgado.

A cultura participativa é um dos pilares da inteligência coletiva, que por sua vez, considera cada internauta como um ser individual, que coopera na rede midiática de acordo com suas próprias percepções de vida. Para Henry, essa interação nasce na necessidade de compartilhar o que sabe (inteligência individual), levantando discursões públicas nas redes sociais e plataformas midiáticas, abrindo para outros posicionamentos, debates e opiniões (inteligência coletiva).

Além disso, a convergência é caracterizada também pelas mudanças tecnológicas. O que antes era um celular para fazer ligação ou um *Ipod* apenas para ouvir músicas, vem se transformando em artefatos de interação e múltiplas funcionalidades. O usuário não apenas atende ou faz chamadas, mas, tira fotos, lê, joga, posta, compartilha, apaga, comenta e interage com as mais diversas plataformas e pessoas. Esse simples exemplo pode ser aplicado às mais diversas mídias, inclusive jornalísticas. O que antes era um jornal diário ou semanal, onde as interações dos leitores eram realizadas através de cartas, hoje é instantâneo e massificado. A convergência midiática facilitou a participação dos usuários, ao mesmo tempo que abriu as portas para trocas de ideias e opiniões pelas plataformas. Nessa mesma proporção, essa facilidade desencadeou também a falta de embasamento diante de certos assuntos da mídia e a massificação de discussões relacionadas com o posicionamento dos usuários. Levando em consideração a análise realizada nesse presente trabalho de pesquisa, essa carência teórica vem representando a propagação de discursos de ódio, violência e agressões através das redes, o que infelizmente não se limita apenas ao site G1.

Considerações Finais

Este estudo teve como base utilizar o conceito da cultura participativa para analisar os comentários de leitores do Portal G1. A pesquisa contou com estudos anteriores sobre o assunto para que houvesse conhecimento teórico do que já foi feito e assim poder diferenciar dos demais.

Para a análise dos comentários, foram utilizados a valência pura tanto para os comentários isolados quanto para as interações entre os internautas, com o intuito de apresentar uma avaliação geral do objeto; e classificados os comentários dos usuários com posicionamentos em relação à matéria, para traçar um perfil dos temas que mais aparecem nos comentários.

Os temas da análise foram racismo, homofobia, ódio, intolerância religiosa, intolerância política e xenofobia e foram escolhidos após averiguação prévia dos comentários, que constatou que esses são os assuntos que mais aparecem nos depoimentos dos leitores. Diante dos temas presentes nos comentários, foi constatado que muitos destes dispersam do fato exposto nas notícias e apresentam argumentos rasos para justificar tal pensamento. Esse comportamento é explicado com base na cultura participativa de Jenkins, no modo em que o indivíduo sente a necessidade de participar do debate virtual apenas para fazer parte, não com o intuito de contribuir com a inteligência coletiva.

O portal G1 é o quinto site mais visitado do Brasil e consequentemente suas publicações possuem bastante comentários. As matérias analisadas possuíam 1.158, 1.238 e 1.188 comentários, respectivamente. Para que o usuário realize a cultura participativa no portal é necessário um cadastro, que, em 2015, foi aprimorado com o Termo de Uso para que não houvesse usuários anônimos, que eventualmente tentassem se livrar das responsabilizações de seus comentários.

Essa política de moderação do G1 é uma medida para evitar usuários infratores, que podem causar também sua responsabilização caso haja a inserção de conteúdos indevidos. Diante desse cenário, a Lei do Marco Civil da Internet (12.965/2014) estabelece que os provedores de aplicações de internet, tais como *Facebook*, *Google* etc., sejam responsabilizados civilmente por danos decorrentes de conteúdos gerados por terceiros.

A análise quantitativa e qualitativa dos comentários do portal G1 comprovou que com a internet e a convergência de mídias, o leitor passou a ser participativo, integrando

assim a cultura participativa e a inteligência coletiva, esta quando são transmitidos conhecimentos entre os usuários dentro do ciberespaço. Os conceitos abordados por Jenkins e Lévy, quando aprofundados de forma empírica, se tornam cada vez mais esclarecedores.

Referências

ALVES, Marcelli. O "Ciclo do Jornalismo Integrado" e os comentários das "Mais Lidas" do G1". **Revista Comunicologia.** V. 7, N. 2, Jul/Dez, 2014

DUTRA, Maristela Aparecida; SILVA, Lorena Jaqueline. A responsabilidade civil dos provedores de internet diante de comentários ofensivos inseridos por terceiros nas redes sociais à luz do marco civil da internet**. Revista Jurídica do Uniaraxá**. V. 20, N. 19, 2016.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Edição 2. São Paulo. Editora Aleph. 2009.

KÖHN, Edgar. **A responsabilidade civil do host provider pelo uso indevido de imagens na internet**. Boletim Jurídico (Uberaba), v. 192, p. 192, 2006.

LEONARDI, Marcel. **Internet: elementos fundamentais**. In: SILVA, R.B.; SANTOS, M.J. (orgs). Responsabilidade Civil na internet e nos demais meios de comunicação. São Paulo: Saraiva, p.55-69, 2007.

LEONARDI, Marcel. **Responsabilidade Civil dos Provedores de Serviços de Internet**. São Paulo: Juarez de Oliveira, p. 180, 2005.

LEVY, Pierry. **O que é o virtual?** Edição 1. São Paulo. Editora 34. 1995.

LOURENÇO, Shandor Portella. **A Responsabilidade Civil Extracontratual dos Provedores pelos Danos Causados Através da Internet**. Anais do XVI Congresso Nacional do CONPEDI, p. 487-503. Belo Horizonte, 2007.

MOUSINHO, Amanda Arrais. Violência de gênero: A percepção social sobre um caso de estupro coletivo por meio da análise dos comentários na página do G1 no Facebook. **Revista Cambiassu.** Vol. 12 - Nº 19, Jul/Dez, 2016

SAFFI, Nathalia Maia Nobre Rocha. **Os cotidianos dos comentários de leitores de jornais online: G1 e Correio Braziliense**. 2013. 60 f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social). Universidade de Brasília, Brasília, 2013.